

## **ISRAEL: O MELTING POT JUDEU?**

Nuno Ribeiro

CEI - Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Artigo realizado no âmbito da Bolsa de Integração na  
Investigação Científica e Desenvolvimento – IPP/Santander Totta

### **1. Introdução**

“A neve cai em Viena, enquanto os mísseis chovem em Telavive”. Esta frase é repetida em vários livros da série Gabriel Allon, de Daniel Silva, livros em que o mundo é olhado de uma perspetiva exclusivamente israelita. Nestes mesmos livros, a sociedade israelita, atacada por inimigos exteriores, é apresentada como intercultural, usufruindo da harmonia entre os diversos grupos étnicos que a compõem. Porém, tratam-se de obras de ficção, de modo que me propus a investigar a veracidade dessa descrição da sociedade israelita, que também parece ser contrariada pelas notícias divulgadas pelos *media* internacionais. Na obra de Daniel Silva, não há relatos de racismo, conflito e discriminação generalizados em Israel, ao contrário do que acontece, por exemplo, em países como o Iémen, Síria e Iraque, onde há importantes conflitos entre muçulmanos xiitas e sunitas, e entre muçulmanos e a minoria cristã. Veremos, então, como este relato ficcional se articula com a realidade.

### **2. Judaísmo no Mundo**

O judaísmo teve a sua origem por volta de 2000 a.C. (há cerca de 4000 anos atrás), na região de Canaã, onde agora se estendem os territórios de Israel e Palestina, a partir das práticas e crenças daquele que era conhecido como o “Povo de Israel”. Contudo, o

judaísmo, quer o clássico, quer o rabínico, emergiu apenas no século I d.C.

A visão tradicional das origens do judaísmo é baseada nas narrativas encontradas na Bíblia Hebraica, retratando Abraão, a sua linhagem e o Deus que abençoaria o Povo de Israel e lhes daria uma Terra Prometida. Abraão era um pastor nómada que realizou um pacto incondicional com Deus baseado em duas promessas divinas: descendência ilimitada e a posse da terra de Canaã. A narrativa segue depois as provações enfrentadas pelo seu clã, descrevendo, ao mesmo tempo, o conflito contínuo em torno da identidade do herdeiro legítimo do pacto, Isaac ou Ishmael (filho ilegítimo de Abraão com a serva Hagar). Por fim, foi Isaac quem perpetuou o Pacto Abraâmico, simbolizado pelo seu nascimento miraculoso, dada a idade e a infertilidade da sua mãe. Ishmael tornou-se o patriarca de outro grande povo, mais tarde associado com o Islão.

Seguiram-se Esau e Jacob, dois irmãos gémeos que lutaram entre si pelo direito de continuarem o legado do pai, Isaac. Jacob, o mais novo, superou o senil Esau com a ajuda da sua mãe Rebecca. Este tema da “desqualificação” é comum e é mais do que uma mera ferramenta literária; serve como uma justificação histórica do estatuto que Israel atribui a si próprio como nação jovem e dotada do direito divino de conquistar a terra das bem estabelecidas e mais fortes culturas canaanitas. Um misterioso encontro com um anjo faz Jacob adotar o nome de Israel, “aquele que luta com Deus”. É ele que depois se torna no patriarca das chamadas doze tribos de Israel, que formaram o núcleo da nação israelita.

Nestas narrativas, são destacados ainda Moisés, que recebeu a lei de Deus no Monte Sinai, os reis David e Salomão - o último dos quais levou a cabo a construção do Templo Sagrado – e os relatos dos vários conflitos políticos ou religiosos que afetaram os povos da região ao longo dos séculos seguintes e que, à exceção de breves pausas, ainda duram até aos dias de hoje. Muitas destas histórias foram escritas quase mil anos após os eventos descritos e são consequência natural de mitos associados às origens históricas do Povo, que foram sendo passadas oralmente de geração em geração.

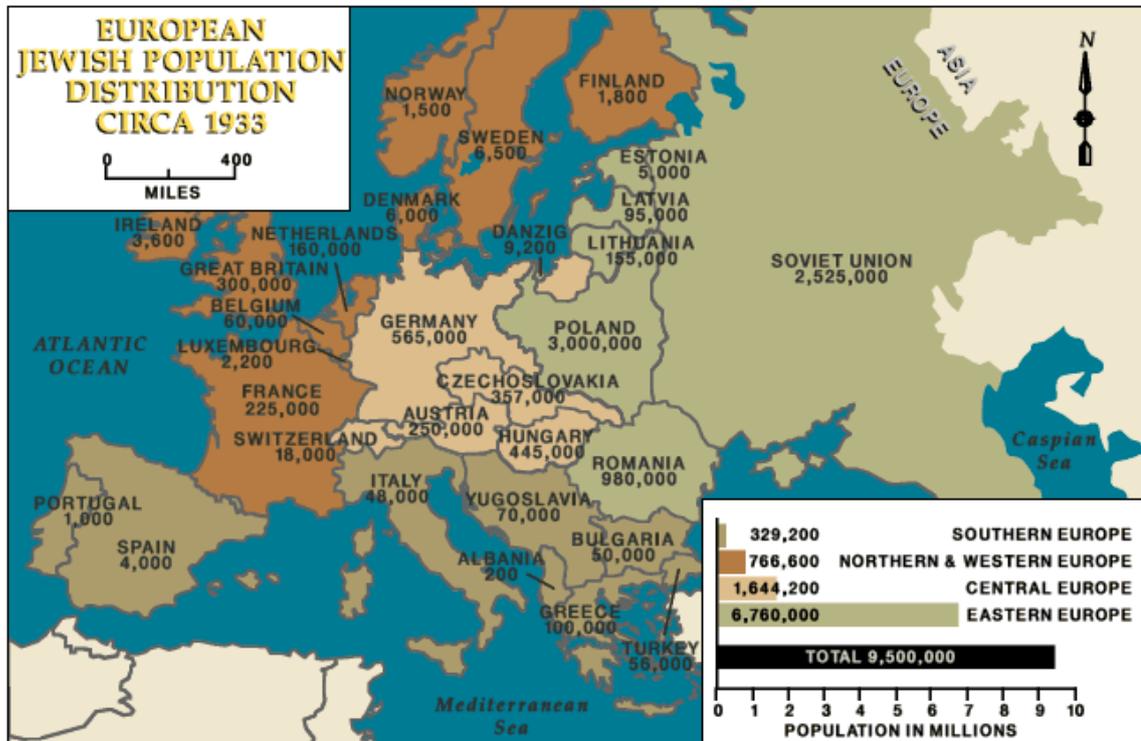
As tradições judaicas são fundamentadas pelas leis religiosas, étnicas e sociais articuladas na Torah – nome dado aos primeiros cinco livros da Bíblia Hebraica. Os judeus referem-se à Bíblia como Tanakh, um acrónimo para os textos da Torah, Nevi'im e Ketuvim. O Talmud e o Midrash – as interpretações legal, rabínica e narrativa da Torah – são exemplos de outros textos sagrados. Os diversos ramos do Judaísmo diferem em termos da sua interpretação e aplicação destes textos.

Atualmente, existem quatro movimentos principais dentro do judaísmo: Ortodoxo, Conservador, Reformista e Reconstrucionista – aqui ordenados desde o mais tradicional

até ao mais progressivo.

No entanto, apesar das suas visões divergentes, os judeus permanecem unidos através da base das suas conexões comuns, para estabelecerem um conjunto de narrativas sagradas que expressam a sua relação com Deus como povo sagrado. Quanto ao número de seguidores a nível mundial, é difícil realizar uma contagem precisa, uma vez que certos grupos contestam a legitimidade judaica da identidade de outros. Muitos destes grupos não se associam abertamente com nenhum dos movimentos acima mencionados e, por essa razão, podem ficar de fora dos dados do recenseamento demográfico.

O judaísmo tende a privilegiar a prática em relação à crença. Esta prática é realizada em sinagogas, que substituíram o Segundo Templo após a sua destruição no ano de 70 d.C. Os seus líderes religiosos são chamados rabis, que supervisionam os diversos rituais e cerimónias essenciais à prática religiosa judaica. Porém, apesar de Jerusalém continuar a ser o centro da espiritualidade judaica, a falta de um Templo ou de qualquer autoridade administrativa e jurisdicional não permite que a cidade se transforme num centro organizacional.



Fonte: US Holocaust Memorial Museum

De facto, ao longo dos tempos, as populações judaicas espalharam-se um pouco por todo o mundo. Em 1933, por exemplo, viviam na Europa cerca de nove milhões e meio (9,500,000) de judeus, cerca de 1,7% da população total do continente. Este número significava mais de 60% da população judaica mundial, que se estimava em cerca de 15,3 milhões. A maioria dos judeus vivia na Europa Oriental, nomeadamente na Polónia (3,000,000) e na União Soviética (2,525,000); na Europa Central, a Alemanha contava com o maior número de judeus (525,000); na Europa Ocidental havia grandes populações na Grã-Bretanha (300,000), França (250,000), Holanda (156,000), e 1,200 em Portugal. Na Europa do Sul, a Grécia (73,000) possuía a maior população de judeus.

Nessa época, os judeus europeus viviam em comunidades culturalmente diversas, dinâmicas e fortemente desenvolvidas que, em alguns casos, se tinham estabelecido no Velho Continente há mais de mil anos. Esta diversidade permitiu aos judeus prosperarem num continente já de si bastante diversificado em termos geográficos e políticos. Em muitos países, os judeus situavam-se até na vanguarda política e cultural e tinham marchado ao lado dos seus concidadãos na Primeira Guerra Mundial.

Depois, deu-se o Holocausto (palavra de origem grega que significa “sacrifício pelo fogo”). Este é o nome dado à perseguição e ao assassinato sistemático, burocrático e patrocinado pelo Estado de seis milhões de judeus, levado pelo regime nazi e os seus colaboradores, que os julgavam “inferiores” e uma ameaça para a raça ariana.

No final da Segunda Guerra Mundial, a população judaica tinha sofrido baixas catastróficas. Em 1950, 51% dos judeus de todo o mundo viviam nas Américas (Norte, Centro e Sul), enquanto apenas um terço permanecia na Europa. Muitos dos judeus sobreviventes do Holocausto temiam regressar às suas casas devido à onda de antissemitismo que varria a Europa Oriental do pós-guerra. Assim, emigraram para locais como os Estados Unidos da América (o principal destino), Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Europa Ocidental, México, América do Sul e África do Sul. E, claro, a Palestina.

Diversas organizações (como a *Brihah* (hebraico para “fuga”), que foi formada a partir da Brigada Judaica do Exército Britânico, em conjunto com os outros partidários deslocados da Europa Central) trabalhavam com o objetivo de facilitar o êxodo dos judeus europeus para a Palestina e estabelecer aí um estado judaico independente. Enquanto isso, aqueles que já viviam na Terra Prometida organizavam também uma forma de imigração “ilegal” por barco (também conhecida por *Aliyah Bet*). Contudo, a maioria dos barcos eram intercetados pelas autoridades britânicas (que, na altura, ainda governavam a

Palestina), que colocavam os seus ocupantes em campos de detenção na ilha de Chipre, uma atitude condenada pela comunidade internacional.

Com o estabelecimento do Estado de Israel a 14 de maio de 1948, anunciado por David Ben-Gurion como a solução para o “problema da privação de habitação dos judeus ao abrindo a porta a todos os judeus e elevando o povo judeu a um estatuto de igualdade na família das nações”, aqueles que ainda não tinham um lar começaram a afluir ao novo estado. Estima-se que cerca de 170,000 pessoas tenham imigrado para Israel até 1953.

### **3. A Formação de Israel e os Conflitos Israelo-Árabes**

Como vimos na secção anterior, David Ben-Gurion anunciou a criação do Estado de Israel a 14 de maio de 1948. Fê-lo no Museu de Telavive, encabeçando o Conselho do Povo. Porém, a ideia da constituição de um estado judaico independente no território da Palestina surgira muitos anos antes, em 1896, com a publicação da obra *Estado Judeu* por Theodor Herzl (um judeu de origem húngara), considerada como o ponto de partida do movimento sionista, que deve o seu nome à colina de Zion (nome que em tempos designara o Monte do Templo), em Jerusalém.

No ano seguinte, 1897, realizou-se em Basileia o Primeiro Congresso Sionista, logo após o qual foi criada a Organização Sionista Mundial, presidida pelo próprio Herzl, que, por essa ocasião, vaticinara que o estado judaico gozaria de reconhecimento geral dentro de, no máximo, 50 anos. A sua previsão falhou por menos de nove meses.

Em 1917, em plena Primeira Guerra Mundial, a Declaração Balfour, emitida pela Inglaterra numa tentativa de conseguir o apoio do movimento sionista, reconhecia o direito dos judeus a constituírem uma “pátria nacional” judaica na Palestina. Contudo, a mesma promessa foi feita aos habitantes árabes daquele território.

Em 1923, os termos da Declaração foram integrados em reservas no Mandato Britânico para a Palestina (1923-1948), aprovado um ano antes pela Sociedade das Nações (SdN). Durante o Mandato, com o consentimento da SdN, o Reino Unido dividiu o território em duas áreas administrativas distintas: a Palestina, que continuaria a ser governada diretamente pelos britânicos, e a Transjordânia (o equivalente atual ao Reino da Jordânia). Mais tarde, o Memorando da Transjordânia isentaria a região das disposições previstas no Mandato relativamente ao futuro estado judeu e esta conquistaria a sua independência em 1946.

Em 1947, a 30 de novembro, rebentou na Palestina uma guerra civil entre árabes e

judeus, um dia depois de ter sido aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) a resolução 181 que, efetivamente, criou o Estado de Israel, de acordo com o estabelecido no Plano de Partilha que havia sido proposto pela Comissão Especial das Nações Unidas para a Palestina, a 3 de setembro. O referido plano previa que 55,5% do território fosse entregue ao estado judaico, enquanto os restantes 44,5% seriam entregues ao estado árabe. Jerusalém seria declarada “cidade internacional”.

Porém, a fase mais crítica daquela que ficaria conhecida como a Primeira Guerra Israelo-Árabe (ou, do ponto de vista israelita, como a Guerra da Independência) iniciaria-se apenas a 15 de maio de 1948, com o fim do Mandato Britânico e a declaração de independência de David Ben-Gurion. Nesse mesmo dia, a Palestina foi invadida por quatro países distintos: Síria, Líbano, Egito e Iraque.

Todavia, a Guerra da Independência (1947-1949) fora apenas o início de um impasse aparentemente interminável entre judeus e árabes no Médio Oriente. Entre os conflitos mais importantes contam-se: a Guerra dos Seis Dias (1967), a Guerra do Yom Kippur (1973) e as duas Guerras do Líbano (1982 e 2006).

#### **4. Diversidade no Israel Moderno**

Na véspera do 68º aniversário de Israel, em maio de 2016, a sua população atingiu um valor recorde: 8 552 000 (74,8% eram judeus, 20,8% árabes, 4,4% de outras etnias). No espaço de um ano, verificara um aumento de 2% em relação aos números de 2015 (a população judaica crescera em 1,7%; a população árabe crescera em 2,2%). A elevada esperança média de vida da população (a 8ª mais elevada em todo o mundo, de acordo dados de 2015 da Organização Mundial de Saúde, em que são excluídos os países com população inferior a 90 000 habitantes<sup>1</sup>), aliada à também elevada taxa de nascimentos (3 filhos por cada mulher), são dois fatores que contribuem para esta tendência que se verifica no país desde a sua criação. Atualmente, 42,9% da população judaica mundial vive em Israel, mais do que em qualquer outro país no mundo.

A imigração, embora oscilante ao longo da história de Israel, desempenha também um papel nesta estatística, tendo verificado um aumento de certa forma estável desde 2008 e

---

<sup>1</sup>World Health Organization. (2016). Life expectancy at birth (years), 2000-2015: Both sexes: 2015. Retrieved March 18, 2017, from [http://gamapserver.who.int/gho/interactive\\_charts/mbd/life\\_expectancy/atlas.html](http://gamapserver.who.int/gho/interactive_charts/mbd/life_expectancy/atlas.html)

atingindo um número de aproximadamente 36 000 pessoas entre os Dias da Independência de 2015 e 2016. A maioria destes imigrantes chegou de países como a França (25%), Ucrânia (24%), Rússia (23%) e Estados Unidos (9%).

No entanto, Ian Lustick, da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, estima que cerca de 40 a 50% dos recém-chegados a Israel vindos de países ocidentais voltarão a abandonar o país, uma vez que possuíam expectativas irrealistas sobre Israel, que ele caracteriza como "um país caro, com um ambiente duro e altamente competitivo"<sup>2</sup>.

Este aumento recente dos números da imigração em Israel (obviamente, ainda distante das grandes vagas migratórias do passado) demonstra, por um lado, que o medo do antissemitismo regressou ao seio das comunidades judaicas um pouco por todo o mundo (por exemplo, só no Reino Unido, o número de incidente antissemitas subiu 11% na primeira metade de 2016, em relação ao mesmo período do ano anterior<sup>3</sup>), mas também a constante necessidade de a sociedade israelita encontrar estratégias adequadas que facilitem a integração de pessoas de proveniências tão diversas no seu dia-a-dia, de forma a poder funcionar normalmente. Apesar de, em 2014, 75% da população judaica de Israel serem *Sabras*, ou seja, nascidos em Israel (em comparação com apenas 35% em 1948), 2,2 milhões dos judeus do país (36% do total de 6 377 000) tinham ainda ascendência europeia ou americana. Outros 14,5% são de ascendência africana e 11,2% têm ascendência asiática.

Contudo, a diversidade na sociedade israelita não reside apenas na etnicidade da população. Está também patente nas suas crenças religiosas. Segundo dados de 2013<sup>4</sup>, os israelitas dividem-se pelas diversas religiões nas seguintes proporções:

- Judeus – 75%;
- Muçulmanos – 17,5%;
- Cristãos – 2%;
- Druze – 1,6%;
- Outros – 3,9%.

Os “não-judeus” (sendo coletivamente referidos como cidadãos árabes de Israel e, de

---

<sup>2</sup> Carol Matlack. (2015, February 20). Why Israel Wants Europe’s Jews (Hint: Not Just to Shield Them From Terrorists). *Bloomberg*. Retrieved from <https://www.bloomberg.com/news/articles/2015-02-20/why-israel-wants-europe-s-jews-hint-not-just-to-shield-them-from-terrorists->

<sup>3</sup> Justin Cohen. (2016, August 4). Anti-Semitic incidents rise by 11 percent since January. *Jewish News*. Retrieved from <http://jewishnews.timesofisrael.com/anti-semitic-incidents-rise-by-11percent-in-2016/>

<sup>4</sup> Israel Demographics Profile 2016. (2016). Retrieved March 18, 2017, from [http://www.indexmundi.com/israel/demographics\\_profile.html](http://www.indexmundi.com/israel/demographics_profile.html)

facto, utilizando primeiramente a língua árabe) formam grupos distintos. Cada um destes grupos tem características específicas e usufrui plenamente de todos os direitos civis, ao mesmo nível dos seus concidadãos judeus, como reiterou em março de 2012 o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

E, mesmo entre judeus, existem algumas divisões em subgrupos de judeus (de acordo com a sua origem): *Ashkenazi* (França, Alemanha e Europa de Leste), *Sephardic* (Península Ibérica e Norte de África), *Mizrachi* (Norte de África e Médio Oriente) e ainda Iemenitas, Etíopes e Asiáticos.

Além disso, como já vimos anteriormente, os judeus podem dividir-se em quatro movimentos fundamentais: Ultraortodoxos (8%), Sionistas Religiosos (17%), Tradicionais (55%) e Seculares (20%). Ultraortodoxos são aqueles habitualmente retratados em todas as fotografias relativas ao tema, apesar de representarem uma pequena percentagem da população. Os Sionistas Religiosos, ligeiramente mais modernistas, participam em todos os aspetos da civilização moderna, mas sempre respeitando as leis e tradições judaicas ortodoxas. Judeus tradicionais valorizam a vida judaica tradicional, que estão prontos a modificar em casos de necessidade pessoal. Judeus seculares são aqueles cujas crenças são seculares mas cujas práticas religiosas são semelhantes às dos judeus tradicionais, com a diferença de que estas são mantidas apenas por razões familiares ou patrióticas.

Apesar da harmonia aparente, estas diferenças originam algumas tensões na sociedade israelita. Os judeus seculares guardam algum ressentimento para com o controlo que os setores mais religiosos exercem sobre as suas vidas. Por outro lado, a facção ultraortodoxa acredita que as leis do país deveriam refletir uma maior afinidade para com as tradições e lei judaicas.

## **5. A Comunidade Árabe em Israel**

As migrações árabes no território do Estado de Israel têm os seus altos e baixos, respondendo às condições económicas que prevalecem em determinada altura. No final do séc. XIX, quando a imigração judaica estimulava a economia, muitos árabes chegavam em busca de oportunidades de emprego, salários mais elevados e melhores condições de vida em geral.

Hoje em dia, a maioria dos cidadãos árabes de Israel vive em aldeias e pequenas

idades isoladas da Galileia, no Negev, e misturados em centros urbanos como Jerusalém, Acre, Haifa, Lod, Ramle, Jaffa e Nazaré.

A comunidade árabe israelita constitui o grosso da classe trabalhadora do país. Trata-se de um grupo político periférico e de uma minoria de língua árabe num país que tem o Hebreu como língua oficial. Deveras isolacionista, é precisamente o uso da língua árabe que mantém a sua identidade distinta, conjugado com um sistema escolar distinto, meios de comunicação, literatura e cinema exclusivos, e tribunais independentes. O seu envolvimento político manifesta-se, assim, através de eleições municipais e nacionais. Os cidadãos árabes administram os seus próprios distritos e aqueles que são eleitos para o efeito representam os interesses da comunidade junto do Knesset<sup>5</sup>, o Parlamento israelita. Além disso, são representados por pelo menos um juiz no Supremo Tribunal, por um membro da equipa do primeiro-ministro em funções, e por embaixadores.

Porém, os cidadãos árabes continuam a ter uma presença exígua na vida pública, e não só na política. Desde a criação do país, estão isentos do serviço militar obrigatório nas Forças de Defesa de Israel (FDI), ao contrário do que acontece com os homens Druze e Circassianos desde 1957, a pedido dos líderes das respetivas comunidades. Esta medida foi tomada de forma a mostrar consideração pelas suas famílias e afiliações religiosas e culturais, mas também por haver dúvidas de que a sua lealdade estivesse apenas e só com o Estado de Israel. Contudo, não deixa de ser encorajado o serviço militar voluntário, e o número de Beduínos a candidatarem-se desta forma à carreira militar tem crescido a um ritmo estável. De facto, alguns generais e membros do corpo policial representam a comunidade neste âmbito de atividade pública.

Como seria de esperar, apesar de se encontrar ligada ao futuro de Israel, a comunidade árabe permanece parte integrante do povo árabe (no seu sentido mais abrangente), no que diz respeito à sua cultura e identidade, e até na oposição à identificação de Israel como um Estado judaico. Estas diferenças profundamente enraizadas em termos de religião, valores e crenças políticas prejudicam o desenvolvimento das relações entre árabes e judeus, que se autossegregam, apesar de, ao longo do tempo, terem aprendido a aceitarem-se mutuamente.

Como resultado do seu carácter multicultural, multiétnico, multirreligioso e multilíngue, Israel exhibe vários padrões de segregação informais, como as já acima referidas instituições, sistemas escolares e judiciários independentes para cada uma das

---

<sup>5</sup> Em 2015, 17 árabes estavam presentes no Knesset.

comunidades que povoam o país).

No entanto, adotaram o Hebreu como a sua segunda língua e, por inerência, a cultura israelita como um extra nas suas vidas, procurando, ao mesmo tempo, conseguir um maior grau de participação na vida nacional, maior integração económica e mais benefícios para as suas cidades e aldeias.

Segundo o Ministério para a Absorção da Imigração de Israel, apesar de os costumes do passado serem ainda importantes para a sua rotina quotidiana, um enfraquecimento gradual da autoridade tribal e patriarcal, aliado aos efeitos da educação obrigatória (tal como a participação no processo democrático do país) têm afetado o estilo de vida tradicional da comunidade árabe. No mesmo sentido, o estatuto das mulheres árabes israelitas tem sofrido melhorias significativas em termos da sua liberalização, causada pela legislação que estipula a obrigatoriedade de igualdade de direitos entre géneros e a proibição da poligamia e do casamento infantil.

## 6. O Mosaico Israelita

Há 60 anos, sob a liderança do seu primeiro-ministro, David Ben-Gurion, Israel estava destinado a ser “o grande *melting pot* judeu”, de acordo com o proferido em 2013 pelo académico Fred Lazin<sup>6</sup>, numa palestra com o título *Israel's Changing Collective Identity*, na congregação judaica de Bucks County (PA, EUA)<sup>7</sup>. Segundo Lazin, a conceção original de Israel era semelhante à dos Estados Unidos da América. Seria um lugar onde se juntariam judeus de todo o mundo para criarem algo novo. Ben-Gurion queria assimilar os imigrantes na recém-nascida nação e fazê-los conformar-se com aquilo que essa nação deveria ser. Isto incluía mudanças de nomes (de Nuri para Natan, por exemplo, no caso de israelitas vindos de países árabes), falar Hebreu em vez de Yiddish e, em geral, largar uma anterior identidade cultural em favor de uma nova.

Contudo, o Israel moderno é muito diferente. A partir de 1977, com a eleição de Menachem Begin, o país começou a formar uma nova identidade coletiva, transformando-se num estado judaico multicultural e etnocêntrico. Entre outras coisas,

---

<sup>6</sup> Fred A. Lazin é professor de Política e Governação na Universidade Ben-Gurion do Negev e académico visitante no Centro Taub para Estudos Israelitas, na Universidade de Nova Iorque.

<sup>7</sup> dmichaels. (2013, April 15). Israel's Progress: From a Melting Pot to a Mosaic - Jewish Exponent. *Jewish Exponent*. Retrieved from <http://jewishexponent.com/2013/04/15/israels-progress-from-a-melting-pot-to-a-mosaic/>

abriu a sociedade israelita aos árabes de uma forma nunca antes vista. E, também com o contributo do elevado número de judeus soviéticos que chegaram ao país, Israel tornou-se mais num mosaico cultural, em que “fações” como Ultraortodoxos, Russos e Árabes Israelitas lutam por se fazer ouvir num sistema parlamentar que requer governos de coligação para governar o país.

Podemos traçar aqui um paralelo com os Estados Unidos da América, globalmente considerado como um verdadeiro *melting pot* cultural, tendo acolhido desde a sua criação imigrantes vindos de todas as partes do mundo. Também aí, as minorias lutam para se fazerem ouvir, sejam negros, de origem latina, asiática, etc.

Porém, em Israel não há uma verdadeira integração, como comprova a existência de uma sociedade árabe no país, que se desenvolve de forma quase paralela em relação à maioria judaica. Uma sociedade que não partilha a herança judaica e não se identifica com o resto do país, mas com a identidade coletiva palestina. Uma sociedade que tem os seus próprios tribunais, escolas e representantes, que se diz discriminada, apesar de, legalmente, gozar de total igualdade de direitos, comparativamente com os restantes cidadãos israelitas.

Para combater a distância que ainda resta, têm sido colocadas em prática várias iniciativas para facilitar a integração e os encontros culturais entre as comunidades árabe e judaica em Israel, com origem tanto em organizações criadas para esse fim ou em instituições de cariz público.

Estuda-se a criação de uma “sociedade partilhada”, que o Club de Madrid<sup>8</sup> – organização internacional que procura ajudar instituições e comunidades de todo o mundo na resolução de conflitos políticos e no estabelecimento de sociedades funcionais e inclusivas – ao qual Israel não pertence, define como:

*Uma sociedade socialmente coesa. É estável, segura. É um local onde todos os seus habitantes se sentem seguros. Respeita a dignidade de cada um, assim como os direitos humanos, oferecendo uma igualdade de oportunidades a todos os indivíduos. É tolerante. Respeita a diversidade.*<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Organização sem fins lucrativos composta por cerca de 90 ex-presidentes e primeiros-ministros de mais de 60 países diferentes.

<sup>9</sup> Club de Madrid. (n.d.). The Shared Societies Project. Retrieved January 27, 2017, from [http://www.clubmadrid.org/en/ssp/project\\_summary](http://www.clubmadrid.org/en/ssp/project_summary)

Estudam-se formas de utilizar o futebol como veículo catalisador da integração social da comunidade árabe. Exemplo disto, foi a euforia que se viveu em 2004, quando a equipa do Bnei Sakhnin venceu, na final da Taça de Israel, o Hapo'el Haifa por 4-1. Este resultado histórico (o primeiro troféu conquistado por uma equipa de uma cidade árabe) resultou num sentimento exuberante de unificação que se espalhou pelo país. Chegou a dizer-se que aquela vitória representava o início de um novo capítulo no conflito entre cidadãos árabes e judeus<sup>10</sup>. No entanto, nessa mesma semana, as FDI conduziram um raide à cidade de Rafah, um campo de refugiados densamente povoado no sul de Gaza, que fez esmorecer o entusiasmo árabe.

Lod, uma cidade que vive sob o lema “Um Mosaico de Culturas”, convidou recentemente um grupo de jornalistas e diplomatas para ajudar a espalhar a mensagem de que a coexistência pacífica é possível em Israel, apesar do clima de maior medo e desconfiança que se vive após recentes ataques perpetrados por árabes em vários locais. Ninguém na cidade afirma que a fricção social é totalmente inexistente, mas é certamente uma exceção.

Ali, judeus e árabes frequentam escolas mistas e partilham um orgulho cada vez maior na sua cidade, onde diversas iniciativas de unificação são desenvolvidas em conjunto pelas diferentes comunidades que compõem o seu tecido demográfico. Um exemplo é o Mercado Noturno mensal, organizado por mulheres judias, árabes e cristãs, com ênfase na culinária e música de cada uma destas culturas.

Porém, casos mediáticos como o do soldado das FDI, Elor Azaria, que, a 24 de março de 2016, baleou na cabeça, já depois de ter sido ferido e neutralizado, um palestino que havia esfaqueado um outro soldado israelita, continuam a demonstrar as divisões da sociedade israelita. Além disso, a insistência do governo israelita na construção de colonatos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia ocupada intensifica o desagrado dos membros árabes da sociedade e até de certos membros da comunidade internacional.

## **7. Conclusão**

Como vimos, a sociedade israelita apresentada nos livros de Daniel Silva não corresponde exatamente à realidade. Israel, como outros países democráticos, enfrenta

---

<sup>10</sup> Tamir Sorek, *Arab in a Jewish State: The Integrative Enclave* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), 185.

um dilema moral na relação com as suas minorias. Toda a pluralidade de culturas que convive dentro das fronteiras de um território deve ser respeitada. E isso ainda não acontece em Israel. É uma sociedade multicultural, sem dúvida, como não podia deixar de ser, tendo em conta a história do país. Porém, tem ainda um longo caminho a percorrer para se tornar verdadeiramente intercultural, como atesta a existência de uma comunidade árabe quase paralela à sociedade israelita, e que clama por maior integração, que nunca poderá ser plena, pois há diferenças que serão sempre inultrapassáveis de forma sustentável. Diferenças relacionadas, em última instância, com a religião praticada pelas comunidades envolvidas e que criam uma tensão entre estas que talvez nunca venha a desaparecer.

## 8. Referências Bibliográficas

Abigail Klein Leichman. (2016, January 5). Ethnic harmony in an Israeli city you never heard of. *Israel 21c*. Retrieved from <https://www.israel21c.org/ethnic-harmony-in-an-israeli-city-you-never-heard-of/>

American-Israeli Cooperative Enterprise. (n.d.). Jewish Virtual Library. Retrieved from <http://www.jewishvirtuallibrary.org/>

Anti-Defamation League. (2016). Global Anti-Semitism: Selected Incidents Around the World in 2016. Retrieved January 13, 2017, from <https://www.adl.org/news/article/global-anti-semitism-selected-incidents-around-the-world-in-2016#.WCCt24XXLIU>

Anti-Defamation League. (2015). Global Anti-Semitism: Selected Incidents Around the World in 2015. Retrieved January 13, 2017, from <https://www.adl.org/news/article/global-anti-semitism-selected-incidents-around-the-world-in-2015>

BAR-SIMAN-TOV, Y. (2010). Barriers to Peace in the Israeli-Palestinian Conflict. *Jerusalem Institute for Israel Studies*, 406, 1–385.

Burack, E. (2013). Can Soccer Help Arabs Achieve Equality in Israel ?

Carol Matlack. (2015, February 20). Why Israel Wants Europe's Jews (Hint: Not Just to Shield Them From Terrorists). *Bloomberg*. Retrieved from <https://www.bloomberg.com/news/articles/2015-02-20/why-israel-wants-europe-s-jews-hint-not-just-to-shield-them-from-terrorists->

Club de Madrid. (n.d.). The Shared Societies Project. Retrieved January 27, 2017, from [http://www.clubmadrid.org/en/ssp/project\\_summary](http://www.clubmadrid.org/en/ssp/project_summary)

CURTIS, M. (2015, December 22). Israel and the Problem of Multiculturalism. *American Thinker*. Retrieved from [http://www.americanthinker.com/articles/2015/12/israel\\_and\\_the\\_problem\\_of\\_multiculturalism.html](http://www.americanthinker.com/articles/2015/12/israel_and_the_problem_of_multiculturalism.html)

dmichaels. (2013, April 15). Israel's Progress: From a Melting Pot to a Mosaic - Jewish Exponent. *Jewish Exponent*. Retrieved from <http://jewishexponent.com/2013/04/15/israels-progress-from-a-melting-pot-to-a-mosaic/>

ELAZAR, D. J. (n.d.). How Religious are Israeli Jews? Retrieved January 6, 2017, from <http://www.jcpa.org/dje/articles2/howrelisr.htm>

HAI, A. (2014). Shared Society Between Jewish Arab Citizens of Israel: Visions , Realities and Practices, (February), 1–34.

Israel Ministry of Foreign Affairs. (2013). Israel's War of Independence (1947-1949). Retrieved November 18, 2016, from [http://mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/History/Pages/Israels War of Independence - 1947 - 1949.aspx](http://mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/History/Pages/Israels%20War%20of%20Independence%20-%201947%20-%201949.aspx)

COHEN, Justin. (2016, August 4). Anti-Semitic incidents rise by 11 percent since January. *Jewish News*. Retrieved from <http://jewishnews.timesofisrael.com/anti-semitic-incidents-rise-by-11percent-in-2016/>

KAM, M. (2014, July). David Ben-Gurion on Herzl, Zionism and Zion. *The Jewish Pluralist*. Retrieved from <http://thejewishpluralist.net/?s=ben+gurion+theodor+herzl+matia+kam>

LEELEF, N. (n.d.). World Jewish Population. Retrieved January 13, 2017, from <http://www.simpletoremember.com/vitals/world-jewish-population.htm>

MCKERNAN, B. (2017, February 21). Elor Azaria: Israeli soldier sentenced to 18 months in jail for shooting dead wounded Palestinian attacker. *The Independent*. Retrieved from <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/israel-soldier-sentence-latest-elor-azaria-manslaughter-hebron-shooting-palestinian-wounded-attacker-a7591061.html>

MOTA, M. (2017, February 21). Chegou ao fim o julgamento que dividiu Israel. *Expresso*. Retrieved from <http://expresso.sapo.pt/internacional/2017-02-21-Chegou-ao-fim-o-julgamento-que-dividiu-Israel>

MyJewishLearning. (n.d.). Israeli Society & Religious Issues. Retrieved January 6, 2017, from <http://www.myjewishlearning.com/article/israeli-society-religious-issues/#>

Palestine Facts. (n.d.). Impact of Balfour Declaration. Retrieved November 4, 2016, from [http://www.palestinefacts.org/pf\\_ww1\\_balfour\\_impact.php](http://www.palestinefacts.org/pf_ww1_balfour_impact.php)

Palestine Facts. (n.d.). Palestine During the British Mandate. Retrieved November 4, 2016, from [http://www.palestinefacts.org/pf\\_mandate.php](http://www.palestinefacts.org/pf_mandate.php)

Patheos. (n.d.). Religion Library: Judaism. Retrieved October 13, 2016, from <http://www.patheos.com/Library/Judaism>

PHILIPP, P. (2014, November 2). 1917: Apoio britânico ao movimento sionista. *Deutsche Welle*. Retrieved from <http://dw.com/p/1XAD>

RICH, T. R. (n.d.). Ashkenazic and Sephardic Jews. Retrieved January 13, 2017, from <http://www.jewfaq.org/ashkseph.htm>

SILVA, D. (2008). *O Artista da Morte*. Lisbon: Bertrand Editora.

SOREK, T. (2007). *Arab in a Jewish State: The Integrative Enclave*. Cambridge: Cambridge University Press.

United States Holocaust Memorial Museum. (n.d.). Introduction to the Holocaust. In *Holocaust Encyclopedia*. Retrieved from <https://www.ushmm.org/learn/introduction-to-the-holocaust>

United States Holocaust Memorial Museum. (n.d.). Postwar Refugee Crisis And The Establishment Of The State Of Israel. In *Holocaust Encyclopedia*. Retrieved from <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005459>

United States Holocaust Memorial Museum. (n.d.). The Aftermath Of The Holocaust. *Holocaust Encyclopedia*. Retrieved from <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005129>

United States Holocaust Memorial Museum. (n.d.). United States Policy Toward Jewish Refugees, 1941–1952. In *Holocaust Encyclopedia*. Retrieved from <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007094>

United States Holocaust Memorial Museum. (n.d.). Jewish Population Of Europe In 1945. In *Holocaust Encyclopedia*. Retrieved from <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005687>

United States Holocaust Memorial Museum. (n.d.). Jewish Population Of Europe In 1933: Population Data By Country. In *Holocaust Encyclopedia*. Retrieved from <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005161>

Wikipédia. (n.d.). O Estado Judeu. Retrieved November 14, 2016, from [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Estado\\_Judeu](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Estado_Judeu)

Wikipédia. (n.d.). Independe Day (Israel). Retrieved December 2, 2016, from [https://en.wikipedia.org/wiki/Independence\\_Day\\_\(Israel\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Independence_Day_(Israel))

Wikipédia. (n.d.). Hebron shooting incident. Retrieved February 22, 2017, from [https://en.wikipedia.org/wiki/Hebron\\_shooting\\_incident](https://en.wikipedia.org/wiki/Hebron_shooting_incident)

World Health Organization. (n.d.). Life expectancy at birth (years), 2000-2015: Both sexes: 2015. Retrieved March 18, 2017, from [http://gamapserv.who.int/gho/interactive\\_charts/mbd/life\\_expectancy/atlas.html](http://gamapserv.who.int/gho/interactive_charts/mbd/life_expectancy/atlas.html)